



## BAZAR DA VIDA

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER  
ESPÍRITO DE JAIR PRESENTE

## **Sumário**

- 1 - Corta isso / **03**
- 2 - Uma frase amiga / **05**
- 3 - Para servir e amar / **07**
- 4 – Anotação / **10**
- 5 – Seqüestro / **12**
- 6 – Vibrações / **15**
- 7 – Recado / **17**
- 8 – Barras / **18**
- 9 – Encabulado / **20**
- 10 - O caso Libório / **22**
- 11 - Lição imprevista / **25**
- 12 - O cofre / **28**
- 13 - Pequena história de Joaquim / **31**
- 14 - Tia e sobrinho / **34**
- 15 - Pedacinho / **37**
- 16 - O presente / **38**
- 17 - O irmão conselheiro / **40**
- 18 - Dinheiro tem muitas faces / **43**
- 19 – Promessas / **45**
- 20 - Viver em paz / **48**

## CORTA ISSO

Quem deseja o dom da paz  
Que auxilia e reconforta,  
Ouça o conselho da vida:  
-“Corta isso, corta, corta...”

É que a paz simples e viva  
Para instalar-se na mente,  
Nenhuma ilusão aceita,  
E peso nenhum consente.

É por isso que cortar  
Significa o dever  
De buscar-se o necessário  
E quanto ao resto: “esquecer”.

Olvida as rixas de casa;  
A incompreensão do vizinho;  
O amigo que se afastou;  
Os entraves do caminho;

Qualquer desgosto passado;  
A provação já vencida;  
O parente atrapalhado;  
A fala mal- entendida;

A camisa fuchicada;  
O paletó sem botão;

A parede descascada;  
O conserto do portão;

A poeira desatada;  
A fogueira do sol quente;  
O vento do temporal  
Que desabou de repente;

O copo de jeribita;  
O café antigo e morno;  
O bolo queimado e cru;  
Os desarranjos do forno;

As promessas de mandraca;  
Qualquer serviço mal-feito;  
A condução atrasada;  
A conversa sem proveito...

Se você procura paz,  
Que o tranquilize, a contento,  
Não carregue bagatelas  
No campo do pensamento.

Por isso, é que a vida, quando  
A nossa idéia se entorta,  
Está sempre repetindo:  
- “Corta isso, corta, corta!...”

## 2

## UMA FRASE AMIGA

Não prossiga descuidado  
No passo com que vai indo...  
Veja ao redor de você  
Os tristes que vão seguindo...

A quem lhe peça consolo  
Nunca recuse a esperança,  
É muita gente sofrendo  
Nas trevas da insegurança.

Aquele homem robusto,  
Que empina a cabeça erguida,  
Não poderia contar  
As mágoas que traz na vida.

Aquela mulher bonita...  
Quem sabe? É a bela doente,  
Que procura por socorro  
De algum médico eminente.

Cada pessoa se ocupa  
Do que se lhe faz preciso;  
Demonstre a própria bondade,  
A começar do sorriso.

Siga sempre auxiliando,

Na escola viva do Bem,  
Não sonegue o seu concurso,  
Nunca despreze a ninguém.

Se você não crê na força  
Da frase amiga em ação,  
Olhe o pedaço de vela  
Acesa na escuridão.

## PARA SERVIR E AMAR

Amigo, você me pede  
Para que o livre das crises,  
Queixando-se amargamente  
Dos momentos infelizes;

Diz haver chorado tanto  
Que hoje é um pobre sofredor,  
Arrastando a dura carga  
De desenganos do amor.

Decerto, você julga em mim  
Um companheiro eminente,  
Mas sou apenas Jair,  
O amigo Jair Presente;

Um pequeno servidor,  
Procurando sem alarme,  
Entre as pedreiras da vida  
O processo de encontrar-me.

Você sabe: a evolução  
Não aparece de estalo...  
Sinceramente, não sei  
O modo de consolá-lo.

Sabendo, porém, que a dor

É disciplina de lei,  
Anoto para conversa  
Um caso que acompanhei.

Junto a uma estrada de barro  
Em que eu fazia ida e vinda,  
Via sempre admirado  
Uma cana nobre e linda.

Dava gosto vê-la enorme  
A balançar-se no vento  
E pensava: “o que seria  
Do seu tronco suculento?”

Certo dia, veio um homem  
E atacou-a de facão,  
Depois, cortou-a aos pedaços  
Sem que eu soubesse a razão.

Ao valente cortador  
Que estava de boa veia,  
Supliquei para segui-la  
E, atônito, acompanhei-a.

Ela foi largada a um canto,  
Depois, levada à moenda,  
Foi triturada, de todo,  
Para o açúcar na fazenda.



A cana altaneira e bela  
Tinha um dever a cumprir:  
Submeter-se à moenda  
Para a missão de servir.

A vida é assim, meu caro,  
Para ter o dom de amar,  
Qualquer pessoa no mundo  
Há de sofrer e chorar.

Se você chora, recorda  
Que Deus cuidará de si.  
Lembra o episódio da cana;  
Amar é sempre isso aí.

## 4

## ANOTAÇÃO

Era um dia de saudade...  
Na mágoa que me afligia,  
Intentava minorar  
A minha melancolia...

Para isso, demandei  
Sem aflição, sem alarme,  
Antigos afetos meus  
A fim de reconfortar-me.

Primeiro, quis abraçar  
Os meus queridos parentes,  
Estavam todos cansados,  
Tão tristes, quanto doentes.  
Busquei prezado colega...

Achei-o... Encontro irrisório,  
Tinha um filhinho com febre  
E a esposa num sanatório.  
Lembrei-me de um companheiro

Que era forte, qual um touro...  
Ao fim de uma cirurgia  
Estava de sonda e soro.  
Quis ver uma namorada

Dos meus caminhos de moço;  
Casara-se... Tinha filhos,  
O corpo era pele e osso.  
Visitei um companheiro

Que muito me distraía,  
Depois de duro acidente  
Caíra em paralisia.

Procurei outro cupincha  
De distração e cinema;  
Dos pés até a cabeça,  
Todo ele era eczema...

De tantos dos meus colegas,  
As provas vinham a rodos,  
Dentre quantos procurara,  
Eu era o melhor de todos.

Orando, rememorei  
Muitas lições de Jesus;  
Cada qual de nós na vida  
Vive atado à própria cruz.

Então pensei: nosso mundo  
Não está fora da Lei.  
Deus que o fez, Deus que o conserve,  
Que eu, por mim, de nada sei.

## SEQÜESTRO

No sentido de ampliar  
Os pensamentos do Bem,  
É que ousou comentar  
A lição que vi do Além.

A viúva nobre e rica,  
Dona Cecília Trindade,  
Tinha um filho e duas filhas  
Com destaque na cidade.

Certo dia, junto ao filho,  
Tão pálida quanto a cera,  
Mostra-lhe Dona Cecília  
A carta que recebera.

Era um texto repulsivo  
De cruel seqüestrador  
Que lhe falava na escrita  
Com menosprezo e rancor.

Que ela atendesse sem falta,  
No que se punha a intimá-la  
Cinqüenta milhões, não menos,  
Ou, então, a morte à bala...

Que colocasse o dinheiro

Por entre jornais em monte,  
Certa noite, em certa hora,  
Debaixo de antiga ponte.

Nada dissesse à polícia,  
Que agisse de “lábio mudo”,  
Nada falasse a ninguém,  
Se não mudaria tudo...

Rogava ao filho conselho  
Contra o esperto marginal,  
Esperando recorrer  
Ao tato policial.

Mas o moço respondeu:  
-“Escute, mamãe querida,  
Nisso tudo, apenas vejo  
A bênção de sua vida.

É preciso resguardar  
Seus santos cabelos brancos,  
Essa quantia é migalha  
Do que já possui nos bancos.

Convém se evite a polícia,  
Ponha o dinheiro em jornais  
E fique livre de vez  
Da mira de marginais”.

Mas a senhora, ao contrário,  
Foi à polícia em segredo,

Pedi providências claras,  
Falando firme e sem medo.

Orientada, a capricho,  
Por antigo delegado,  
Colocou todo o dinheiro  
Sobre o terreno indicado.

A nobre dama, à distância,  
Ficou serena, a contento,  
Queria ver o desfecho  
Do triste acontecimento.

Em hora escura da noite,  
Um mascarado chegava,  
Sem ver os homens atentos  
Da guarda que o vigiava.

Quando tomou do pacote,  
Eis que a polícia o esfacela...  
Descobriu-se, então, que o morto  
Era o próprio filho dela.

## 6

## VIBRAÇÕES

Buscando maior proveito  
Em nossas reuniões,  
Falemos, mesmo de leve,  
Na força das vibrações.

Quem desejar saúde  
No mais seguro alicerce,  
Tenha sempre a caridade  
No que interfira ou converse.

Sentimento cria a idéia,  
A idéia entra em questão,  
Articulando a palavra  
E o fato surge em ação.

Nas discussões e conflitos,  
Se o nosso verbo injuria  
Teremos logo conosco  
Herpes, coceira, alergia...

Se reprovamos alguém  
De forma infeliz e avessa,  
Sofreremos, muitos dias,  
Moleza e dor-de-cabeça.

Se a queixa é contra parentes,

Eis que essa queixa nos liga  
À sombra da urucubaca,  
Ao banzo e à dor-de-barriga.

Frase, atitude e expressão  
Que se irradiem da gente,  
De imediato, produzem  
Vibração correspondente.

Palavra de luz e treva  
Tem esta nota sensata:  
A vibração nos eleva,  
Mas vibração também mata.



## RECADO

Você que deseja a paz,  
Receba esta nota amiga:  
Conserve muito cuidado  
Em tudo o que você diga.

Procure evitar presença  
Em queixume ou desacato,  
Despeje silêncio e prece  
Sobre o fogo do boato.

O trabalho é obrigação,  
A caridade é dever.  
A falar, buscando o mal,  
É melhor nada dizer.

Se alguém, porventura, afirma  
Que a fofoca está na onda,  
Faça um sorriso fraterno  
No entanto, nada responda.

As praças estão repletas  
E há muita conversa oca.  
Recorde: peixe no anzol  
Acha a morte pela boca.

## BARRAS

Noutras épocas, a barra  
Era armação de metal  
Para exercícios de força  
Ou peça de tribunal;

Também a barra de saia  
É indagação permanente  
Criando complicações  
Que enlouquecem muita gente.

A barra, porém, agora  
Alcançou nova expressão:  
Vem a ser “peso-pesado”  
Na vida ou no coração;

Temos a barra do emprego  
Quando o salário balança,  
A barra da violência  
E a barra da insegurança;

Vemos a barra da carga  
Dos conflitos atuais;  
A barra do sofrimento  
Que avança cada vez mais;

A barra dos namorados  
É a mais pesada de todas,

Porque muitos querem filhos  
Antes do tempo das bodas;

Pela barra dos protestos,  
Que se ampliam, de hora em hora,  
É que aparecem problemas  
E o trabalho vai-se embora.

Em meio de tantas barras,  
Vivamos fazendo o bem,  
Assim, não seremos barras  
Para atrasar a ninguém.

## ENCABULADO

Você me pergunta em carta,  
Meu caro Antônio Garcia,  
Sobre o amor livre na Terra,  
No sexo de hoje em dia.

O que dizer, meu irmão?  
Eis neste assunto o que sei:  
O sexo sem controle  
Inventa o amor sem lei.

Recorde o antigo provérbio:  
“Na casa em que não há pão,  
Todos reclamam comida  
E se agitam sem razão.”

Exalta-se em toda parte  
O corpo por nobre centro  
Com muito sexo por fora  
E muito chulé por dentro.

Tanto o homem pulou cercas,  
Nas cercas em derredor,  
Que a mulher quis imitá-lo  
E a luta ficou pior.

Tanto a mulher se descobre,  
Que o homem fica a pensar,

Se deseja estar na rua  
Ou mesmo se quer um lar.

Sexo livre? Amor livre?  
Garcia, não falarei,  
Diga aos nossos que sou morto  
E por isso nada sei.

## O CASO LIBÓRIO

Libório, depois da festa,  
Chegou, reclamando em casa,  
Cambaleava e gemia,  
Mostrando os olhos em brasa...

Despejou-se numa cama,  
Desvestiu-se sem cautela  
E passou a vomitar  
Saliva grossa e amarela.

Gritava com dor no ventre,  
Dizia-se com tonteira,  
O coração disparava  
Com tremenda bateadeira.

Excedeu-se na festa,  
Devorando peixe assado,  
Com batida de limão  
Num grande copo de lado.

Depois comera cabrito,  
Torresmo, chouriço e frango,  
Sentindo-se entusiasmado,  
Caiu, feliz, no fandango.

Cantou, dançou, batucou,

Tocando antiga viola,  
Que trouxera resguardada  
Por dentro de uma sacola...

Agora, clamava aos berros,  
Ele, o touro e amigo forte,  
Que não agüentava as dores,  
Que via, de perto, a morte...

À noite, foi à sessão  
Com apoio de enfermeiro,  
Queria ouvir o Irmão Júlio,  
Seu guia e seu companheiro.

No momento da consulta  
Disse o Libório: “Ah! Irmão,  
A doença me apanhou,  
Vivo agora em provação...”

Que diz o meu caro Guia?  
Pois creio em sua virtude,  
Necessito, quanto antes,  
Retomar minha saúde!...”

O Amigo Espiritual  
Respondeu com gentileza:  
-“Vi você, ontem, na festa,  
Gostei de sua destreza.

Tenha calma, irmão Libório,  
Guarda a Fé, pense no Bem,

Deus é um Pai que nunca dorme,  
Nem abandona a ninguém.

Mas escute este rifão  
Que ofereço ao seu amparo:  
Quem a paca caro compra,  
Pagará a paca caro.”



## LIÇÃO IMPREVISTA

O irmão Joaquim Benevente  
Justamente nesse dia,  
Amanhecera, animado,  
Mostrando grande alegria.

Finalmente, ia encontrar  
O prezado benfeitor  
Que lhe escrevia, de longe,  
Renovando-lhe o vigor.

Estava fazendo um lar  
Que desse a toda criança,  
Sozinha ou desamparada,  
Paz, amor e segurança.

Pois, esse amigo distante  
Faria do longe o perto;  
Prometera visitá-lo  
Em data e horário certo.

Além disso, o benfeitor,  
Sempre ativo e sempre irmão,  
Dissera-lhe em carta amiga  
Que lhe traria um bilhão;

Um bilhão que o amparasse,

No serviço em andamento,  
E Joaquim se organizara  
Para abraçá-lo, a contento.

De ônibus, ia às compras...  
Sentou-se, notando ao lado  
Um homem de grande porte,  
Idoso, forte e pesado.

Após minutos de calma,  
Em aspirando o rapé,  
O companheiro de banco,  
Sem querer, pisou-lhe o pé...

Mas Joaquim trazia um calo  
Com minguada paciência,  
Um calo que lhe amargurava  
Cada dia da existência.

Ao sentir-se machucado,  
Entregou-se à irritação  
E gritou, atarantado:  
-“Tire o pé, “seu” gordalhão!...”

Infeliz, saia daqui,  
Saia e vá adiante,  
Não quero ter, ao meu lado,  
O seu corpo de elefante...”

O homem rogou desculpas  
E afastou-se, incontinenti,  
Cambaleou e seguiu,  
Sentando-se mais à frente.

Joaquim comprou doces finos  
Em nobre confeitaria,  
Aguardando o benfeitor  
Que, logo, o visitaria...

No horário, alguém bate à porta;  
Joaquim corre a ver quem é...  
Era o homem alto e forte  
Que lhe pisara no pé.

O visitante sorriu,  
Joaquim pediu-lhe perdão  
Recebendo, envergonhado  
A dádiva de um bilhão.

Mantendo nas próprias mãos  
O cheque pleno de ensinamentos,  
Pensava no grande ensejo  
De serviço aos pequeninos.

Moral da história: quem queira  
Obras de amor e valia,  
Que cultive a tolerância  
E cuide da cortesia.

12

## O COFRE

A viúva Dona Adélia  
Fora linda e muito rica,  
Ajaezada de jóias  
Na Fazenda de Benfica.

Mas tudo via em mudanças,  
Desde a morte do marido,  
Fazendas, granjas e terras,  
Tudo ela havia perdido.

Tinha dois filhos adultos,  
Liberato e Consentino,  
O primeiro - jogador,  
O segundo - libertino.

Gastavam dinheiro, a rodos,  
Sob avais e mais avais;  
Quando a viúva acordou,  
Tinha assinado demais.

Perdera fazenda e terras,  
As jóias que possuía,  
Todo o credito bancário,  
E a casa de moradia...

Os dois filhos lhe arranjam

Duas estreitas salinhas,  
Onde moravam com ela  
Um gato e duas galinhas.

Comiam do que lhes dessem,  
Por simpatia e bondade,  
As pessoas de visita,  
Em nome da caridade.

Os filhos, porém, notaram  
Que ela guardava com gosto,  
Um cofre, sob disfarce,  
Num travesseiro bem posto.

Certo dia, com malícia,  
Perguntou-lhe o Liberato:  
-“Mãezinha, o que há no cofre,  
Que recebe tanto trato?”

Ela apenas respondeu,  
Mostrando certo cuidado,  
-“Neste cofre, tenho o resto  
Do meu dinheiro guardado”.

Desde esse dia, a viúva  
Teve os filhos, ao redor,  
Ela, as galinhas e o gato  
Comeram muito melhor.

Vários anos se passaram  
Com melhoria e regalo:

Os filhos, olhando o cofre  
E ela sempre a resguardá-lo.

Em luminosa manhã,  
Os moços, abrindo a porta,  
Estremeceram de susto,  
Dona Adélia estava morta.

Guardaram o cofre, às pressas,  
Trouxeram médico e gente...  
E ao fim do dia lhe deram  
Funeral sóbrio e decente.

Ambos sozinhos, à noite,  
Abriram o cofre, enfim...  
O cofre só tinha conchas  
E um bilhete escrito assim:

-“Filhos do meu coração,  
Meus filhos que tanto amei,  
Perdoem se nada tenho...  
Tudo o que eu tinha, eu lhes dei...”

Mas, agora, se desejam  
Ouro e mais ouro a rolar,  
Aceitem o meu conselho:  
Cada um vá trabalhar!...”

## PEQUENA HISTÓRIA DE JOAQUIM

Curado em pequeno grupo  
Pela bondade de um Guia,  
Fez-se mudado e contente  
O amigo Joaquim Faria.

Negociante otimista,  
Sempre afável, prazenteiro,  
Prometeu servir aos pobres,  
Se Deus lhe desse dinheiro...

O dinheiro desejado,  
Em certa hora, o alcança,  
Era agora um homem rico,  
Através de enorme herança.

Desencarnado, um avô  
Deixara-lhe grandes rendas,  
Apólices e seguros,  
Minerações e fazendas.

Falou Joaquim que ergueria  
O amparo aos necessitados,  
Num lar de paz e conforto,  
Em muitos metros quadrados.

Parou nisso muito tempo,  
Depois, tornou-se notório,

Que em vez de lar, alçaria  
Majestoso ambulatório.

Montava esquemas e esquemas,  
Dizia reter os cobres  
Para a assistência precisa  
A muitos enfermos pobres.

Os janeiros se ajuntavam...  
Joaquim, com espalhafato,  
Da idéia de ambulatório  
Passou para a de orfanato.

No entanto, tempos após,  
Disse o grande gabarola,  
Que não queria orfanato,  
Queria uma linda escola.

De plano em plano, Joaquim  
Viveu e gozou, em suma,  
Caminhando em vida mansa,  
Sem construir obra alguma.

Desencarnado, por fim,  
Dormiu, dormiu e, depois,  
Notou junto dele, um anjo,  
Estavam, a sós, os dois...

Joaquim pergunta: “anjo amigo,  
Você sempre me acompanha...  
Decerto, sabe o meu nome



Ante a vida escura e estranha?...”

Disse o anjo: “ andei consigo,  
Dia a dia e mês e mês...  
Você é o Joaquim Faria,  
Que faria, mas não fez.”

14

## TIA E SOBRINHO

Eis-me a trazer-vos a história,  
Estranha como se diz,  
Do fato que sucedeu  
A um amigo- o Téo Muniz.

Ele chegara aos quarenta...  
Morava com garbo e graça  
Com velha tia, contando  
Noventa e lá vai fumaça.

Ela, viúva, fizera  
Testamento em pergaminho,  
Sem outros quaisquer parentes,  
Deixara tudo ao sobrinho.

O moço, olhando o futuro  
Pela ambição desmedida,  
Dava-lha os nomes mais ternos:  
- “Meu tesouro”, “mãe querida...”

Ele adulava a velhinha,  
Ela adorava o rapaz,  
Unidos, constantemente,  
Viviam em doce paz.

Mas veio um dia difícil...

A tia surgiu doente,  
O rapaz fez-se-lhe apoio  
No carinho permanente.

Exames. Medicamentos.  
Inquietações. Agonias.  
Problemas multiplicados  
Chegavam, todos os dias.

A velhinha, certa noite,  
Em silêncio, estremeceu...  
Notando-o imóvel, de todo,  
Disse a enfermeira: “morreu...”

O sobrinho desolado  
Debruçou-se sobre a tia;  
Chorando, viu-a parada,  
O coração não batia.

Veio o médico. No exame,  
Faz testes, explica, exorta...  
Num colapso profundo  
A doente estava morta.

Entretanto, quis mais provas,  
Um companheiro traria;  
Então, daria o atestado  
De óbito no outro dia...

A casa, de imediato,

Transformou-se num velório,  
Testemunhos de pesar,  
Condolências. Falatório.

Téo chorava na aparência,  
Pois, ganhando o paparico  
De quantos vinham a ele,  
]sabia-se muito rico.

A herança era muito grande.  
A tia deixava rendas,  
Muitas lojas de aluguel,  
Terras, galpões e fazendas.

Entretanto, ao dia claro,  
A morta estava a mexer,  
Aquele corpo cansado  
Começara a reviver.

Veio médico. Auscultou-a,  
Dizendo com alegria  
Que ela somente sofrera,  
Grave catalepsia.

Desiludido e assustado,  
Téo caiu, em desconforto...  
Dando entrada no hospital,  
O coitado estava morto.

15

## PEDACINHO

Uma queixa descabida,  
Uma fofoca qualquer,  
Seja nascida de homem,  
Seja feita por mulher;

Uma frase de ironia,  
Uma anedota travessa  
Que ponha o ouvinte aloprado,  
Com minhocas na cabeça;

Um grito disparatado,  
Um gemido sem razão;  
Uma conversa comprida  
Para dizer “sim” ou “não”;

Uma resposta infeliz,  
Um gesto de desacato,  
Uma nota de azedume,  
O gosto pelo boato...

Tudo isso é um pedacinho  
Da treva posta em ação,  
Provocando a nossa queda  
Nas tramas da obsessão.

16

## O PRESENTE

Já se fizera mania  
Em Joaquim Serapião...  
Vivia rogando auxílio  
Em toda reunião.

Na sessão de voz direta,  
Usando calma sem fim,  
A entidade na cabine  
Reconfortava Joaquim.

O irmão Quintino Elentério,  
Ali materializado,  
Estava sempre disposto  
Para incessante recado.

A declarar-se doente,  
Embora a mostrar-se forte,  
O moço pedia amparo,  
Guardando o medo da morte.

Queixava-se de bronquite,  
De tosse e inchaço na goela,  
De desânimo e tontura,  
Batedeira e erisipela...

Em cada reunião,

Lá se encontrava Joaquim,  
Acabrunhado e choroso,  
Dizendo-se assim, assim...

Passados mais de oito anos,  
Depois de curta oração,  
O irmão Quintino Elentério,  
Avisou ao pedinchão:

-“ Joaquim, agora é que eu trouxe,  
Com minha grande alegria,  
O seu remédio seguro,  
Para uso, dia-a-dia.

Deixarei nesta cabine  
O meu singelo presente,  
Não quero vê-lo abatido,  
Nem cansado, nem doente...”

Finda a sessão, eis que surge  
A cabine iluminada...  
Joaquim correu ao remédio  
E achou uma linda enxada.

17

## O IRMÃO CONSELHEIRO

Servindo de auxiliar  
Para um mentor enfermeiro,  
Entrei no lar confortável  
Do irmão Genésio Pinheiro.

O instrutor que me levava  
É um prestimoso atendente  
Que declarava Pinheiro  
Necessitado e doente.

Qual não foi o meu espanto,  
Ao notar no visitado  
Um quarentão alto e forte,  
Notavelmente trajado.

O mentor recomendou-me  
Silêncio, calma e atenção...  
Sentado, o dono da casa  
Escrevia ao próprio irmão.

Postados à retaguarda,  
Sem querer, eu mesmo lia  
Tudo aquilo que Pinheiro  
Fraternalmente escrevia:



-“Prezado mano Jojota  
-dizia, na carta amiga-  
Conforme os tempos de hoje,  
É preciso que eu lhe diga...

Para guardar a saúde,  
Você, que é moço educado,  
Conserve os nossos princípios  
E tenha muito cuidado.

Durma cedo. Evite farras.  
Não busque dor-de-cabeça,  
Nem procure a companhia  
De moças que não conheça.

Nada de álcool na boca,  
Nem mesmo vinho ou licor,  
Fuja do ar poluído  
De qualquer rua a transpor.

Não fume, porque o cigarro  
Parece trama ou feitiço,  
A pessoa quer deixá-lo,  
Depois não pensa mais nisso.

Não coma carne de porco,  
Nem beba água qualquer...  
Lembre sempre os três perigos:  
Fumo bebida e mulher...”  
Nesse tópico da carta,

Pôs-se a ler o texto feito,  
Mas sentiu, desconcertado,  
Uma forte dor no peito.  
Fitando a carta na mesa,

Sob enorme desconforto,  
Ergueu-se e saiu gritando...  
Em seguida, estava morto.

## DINHEIRO TEM MUITAS FACES

Recebi seu questionário,  
Meu prezado companheiro.  
Você quer saber, ao certo,  
O que penso do dinheiro.

O assunto é muito difícil,  
Porquanto, falando as claras,  
Em qualquer parte do mundo  
Dinheiro tem muitas caras.

Dinheiro ganho em trabalho,  
No suor de cada dia,  
Para quem cumpre o dever  
É uma fonte de harmonia.

Entre amigos generosos,  
Dinheiro que se arrecade,  
Para socorro aos que sofrem,  
É uma luz de felicidade.

Dinheiro distribuído,  
Em forma de ensino e pão,  
É musica de alegria  
Por dentro do coração.

Mas dinheiro para o mal,

É um tema que não governo,  
Porque vira passaporte  
Para as jogadas do inferno.

## PROMESSAS

O homem desencarnado  
Apareceu abatido...  
Queria o nosso mentor  
Para fazer-lhe um pedido.

O pobre recém- chegado,  
Começou dizendo assim;  
- Ampare-me, nobre amigo,  
Tenha piedade de mim...

Sei que já fui afastado  
De meu corpo deprimente,  
Mas vivo de déu-em-déu  
Vagando, constantemente.

É que ando preso aos cuidados  
De uma promessa que fiz,  
Promessa que não paguei,  
O que me faz infeliz.

Fui rico... Tive fortuna,  
Hoje invadida de herdeiros...  
Mas fiquei devendo aos pobres  
Setecentos mil cruzeiros.

São pobres de Santo Antônio

Que os protege das Alturas...  
Viúvas abandonadas  
Em choças tristes e escuras...

Que devo fazer agora,  
Em meu remorso insistente.  
Se meu dinheiro não vale  
No câmbio aqui diferente?

O mentor se resguardava,  
Em silêncio singular,  
E o homem continuou  
Em lágrimas de pasmar...

Por fim, o mentor falou  
Em voz amiga e pausada:  
-Meu amigo, sinto muito  
A sua conta atrasada...

Aquilo que se promete  
À caridade de alguém  
Tem força de promissória  
Na Terra e no Mais Além...

O Bem é negócio urgente,  
Não se entristeça, entretanto,  
Volte ao mundo, volte e sirva  
Aos protegidos do Santo.

E o meu débito, em dinheiro?  
Necessito de ação pronta.  
Posso assinar promissória,  
A fim de pagar a conta?

Disse o mentor: “meu amigo,  
Escute com atenção:  
O seu resgate, em dinheiro,  
Só em outra encarnação...”

## VIVER EM PAZ

Se queres viver em paz,  
Segue os princípios do bem.  
Atende ao próprio caminho,  
Não penses mal de ninguém.

Ama a tarefa que tens  
E o dever que ela te aponta;  
Sobre os problemas dos outros,  
Não formam em nossa conta.

Não guardes idéias tristes  
Entre as lembranças que levas,  
O Sol atravessa a noite  
Sem alterar-se nas trevas.

Se alguém te ofende, perdoa,  
Seja na rua ou no lar,  
Todos nós, perante a vida,  
Somos capazes de errar.

Quanto ao mais, confia em Deus  
E anota esta lei segura:  
Cada pessoa se vira  
Sob aquilo que procura.